

É um dos mais importantes teólogos portugueses, sempre escutado quando as questões religiosas estão na primeira linha do debate. ANSELMO BORGES lançou no passado dia 14 de dezembro um exaustivo estudo sobre múltiplos aspetos da religião católica e das outras religiões, respondendo às grandes perguntas da humanidade.



O novo ensaio de ANSELMO BORGES não tem as 1600 páginas do de Ernst Bloch, mas nas 250 páginas de **DEUS RELIGIÕES (IN) FELICIDADE** estão presentes as mesmas questões eternas do homem feitas então pelo filósofo e ateu religioso: Quem somos? Para onde vamos? Quanto às respostas, o

teólogo católico faz uma busca magnífica e contemporânea destas grandes interrogações, sendo alguns dos resultados do seu pensamento tão em cima da atualidade que se pode dizer que o volume foi impresso mesmo na véspera em que cada novo leitor o percorrer.

«É preciso pensar na matança  
que ainda hoje ocorre 'em nome de Deus'»

**Este é um livro eminentemente de perguntas. A catadupa de acontecimentos do mundo atual não nos obrigará a deixar de as fazer?**

Esse é o maior perigo. A mim o que mais me preocupa não é que não haja respostas mas sobretudo que não se coloquem as grandes perguntas. O ser humano é o ser da pergunta e, de pergunta em pergunta, pergunta ao Infinito pelo Infinito e é aqui que vejo o fundamento da dignidade humana: um ser finito e mortal ter em si a capacidade de pôr a questão do Infinito. Fá-lo, porque tem algo de infinito nele. Por isso, é fim e não meio, não tem preço, mas dignidade, como viu Kant. Por outro lado, como disse Heidegger, a pergunta é a piedade do pensamento.

**Cada vez mais a morte de figuras públicas é um momento de celebração usado pela comunicação social e um desfile de memórias pessoais nas redes sociais. Esta situação não leva ao fim do último tabu, o da morte?**

Trata-se de figuras públicas, consagradas agora em grandes liturgias nas redes sociais. Mas essa é a morte "limpa", longínqua e neutra, na sociedade-espetáculo. Isso não invalida o tabu da morte nas nossas sociedades, nas quais se morre nos hospitais, frequentemente no abandono, onde a morte é ocultada e vive-se como se não se tivesse de morrer. Essa é a razão fundamental para a banalidade rasante e a inautenticidade do viver, como refletiu Heidegger. É o pensamento sadio da morte que nos remete para o essencial e leva à distinção entre o que vale e o que não vale.

**Ainda existe maneira e necessidade de se chegar a Deus?**

Todos se apercebem de que há um mistério no mundo, que é ambíguo e que exige interpretação. Porque há algo e não nada? Porque é que se deu o big bang? É tudo para nada? Qual é o sentido último da minha existência, da existência de tudo? Em Deus, o crente encontra resposta para estas perguntas, mas entende-se que o não crente siga outra via, parecendo-lhe que há mais razões para não acreditar. Num caso e no outro, a fé depende de uma decisão, com razões.

**Não é uma ilusão a necessidade de que o ser humano precisa de ter a verdade toda?**

Quem reflete sabe que não é possível ter a verdade toda. Ninguém a pode ter. Nenhuma filosofia ou religião, nem as religiões todas juntas. Essa verdade é da ordem da ultimidade e nós somos penúltimos. Por isso, o fundamentalismo, seja qual for - político, económico, religioso... - é uma questão de estupidez e ignorância. Estamos no fundamento, mas ninguém o possui.

**O "silêncio de Deus" não se tornou mais cómodo para a humanidade?**

É possível que seja assim para algumas pessoas e grupos. Mas não creio que seja o caso da humanidade enquanto tal. Na medida em que Deus desaparece do horizonte, noto que as pessoas andam cada vez mais desorientadas. E tudo depende do que se entende por "silêncio". A grande poesia, as palavras decisivas acendem-se no silêncio. Deus fala no silêncio, como sabem os místicos.

**Tem logo no título uma interrogação sobre o conceito de felicidade. Essa "sensação" não é uma busca infrutífera, até mais própria de um século XX do que uma exigência atual?**

Aquilo que está ou, melhor, que eu queria que estivesse é que há um paradoxo: as religiões justificam-se pela busca da felicidade, mas, de facto, muitas vezes foram e

são causadoras de imensa infelicidade. Daí, no título aquele (IN)FELICIDADE. Mas creio que todos procuramos a felicidade. O que é que verdadeiramente queremos? Não é ser felizes? Nisto penso que estamos todos de acordo. A questão é saber em que consiste a felicidade. As religiões são promessa de felicidade por graça de Deus. Elas dão confiança, esperança, também para lá da morte; muitas vezes as religiões e as pessoas religiosas contribuíram e contribuem para a felicidade na luta pela justiça, no respeito pelos direitos humanos. O que constitui problema é tanta infelicidade causada pelas religiões: pense-se no controle das consciências, na Inquisição, nos escrúpulos, na matança que ainda hoje acontece "em nome de Deus".



**Em várias passagens há referência à existência ou não de Deus. Não é um discurso perigoso para um religioso referir a questão ou é um privilégio dos tempos?**

O crente tem de ser intelectualmente honesto. O crente não pode dizer que sabe que Deus existe, como o não crente também não pode dizer que sabe que Deus não existe. A fé em Deus é uma questão de fé. Com razões.

**Quando refere a atuação dos papas no livro não os olha como fruto de uma escolha para os desafios de determinado tempo em que governarão em vez de terem um desígnio intemporal?**

Evidentemente, temos de ver os papas também no seu contexto histórico, pois, embora a mensagem do Evangelho seja a mesma, ela tem de ser aplicada aos diferentes mundos e tempos na história. Quando olhamos para a história da Igreja, encontramos papas santos, mas também papas que foram perniciosos para o Evangelho e para a humanidade, que cometeram atrocidades, de tal modo que costumam dizer que, por vezes, é preciso acreditar no Deus de Jesus, apesar da e até contra a Igreja oficial.

**Em várias páginas refere Hans Küng. Ele já não é uma oposição dentro da Igreja?**

Tenho muito gosto em conhecê-lo pessoalmente. Para mim nunca foi um opositor da Igreja. Pelo contrário. Para ele, cristão é aquele, aquela, para quem Jesus é o determinante na vida e na morte. Com a sua teologia abriu portas fundamentais ao diálogo ecuménico, ao diálogo inter-religioso, ao diálogo com a ciência, a um ethos mundial. Contribuiu de modo decisivo para a reforma da Igreja. Aliás, o Papa Francisco já lhe escreveu mais de uma vez, concordando em rever, por exemplo, a infalibilidade papal. Uma forma de reabilitação.

**Com a mudança social tão rápida e por caminhos que branqueiam o presente, a religiosidade continuará a existir daqui a um século?**

Enquanto houver seres humanos, finitos, mortais, mas abertos ao Infinito, hão de perguntar pelo fundamento último da realidade e pelo sentido da existência, sentido último. Penso, pois, que a religiosidade estará sempre presente. As estatísticas aliás mostram-no. O que se observa é um distanciamento e desafeição maiores face às religiões oficiais, institucionais e uma religiosidade mais mística.

**Nunca como hoje se falou tão abertamente das outras religiões. É sinal de que o diálogo inter-religioso está em curso e deu fruto?**

Sim, está em curso. Aliás, não há alternativa. Como há anos repete Küng, não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões. E não haverá paz entre as religiões sem mútuo conhecimento e reconhecimento e autocrítica e aceitação da crítica. Por isso, penso que o facto religioso e a história das religiões deveriam fazer parte do currículo escolar. Alguns frutos há. Por exemplo, os encontros de Assis, desde João Paulo II até Francisco, passando por Bento XVI. E não só os de Assis. Este diálogo é essencial. Ele é exigido também por uma compreensão correta do que é a religião: religação ao sagrado, ao mistério, referente último de todas as religiões. E ninguém possui a verdade toda: há mais verdade em todas as religiões do que numa só e, por isso, todos juntos podemos ver mais. Até sublinho que deste diálogo fazem parte também os ateus e os agnósticos, na medida em que, estando de fora, mais facilmente veem a desumanidade e superstição tão frequentes nas religiões instituídas. Para o diálogo, em ordem à liberdade e à paz, há outras condições essenciais: a leitura histórico-crítica dos textos sagrados, que não podem ser lidos à letra, e a laicidade, que salvaguarda a não confessionalidade dos Estados e que exige a separação da(s) Igreja(s) e do(s) Estado(s), da religião e da política. Evidentemente, a laicidade não pode ser confundida com o laicismo, que seria a religião da não religião, a política de retirar a religião do espaço público, como acontece tão frequentemente sobretudo na Europa. A laicidade não deveria impedir o diálogo e até a colaboração com as religiões.

**As inovações num discurso de maior complementaridade entre religião e ciência são um compromisso por parte da Igreja?**

Julgo que, depois de episódios desastrosos como o de Galileu, hoje é um dado adquirido essa boa relação. A religião não pode ir contra o conhecimento científico. Mas a ciência não detém o monopólio da razão. Há dimensões humanas a que o método da ciência não pode responder: qual o fundamento último da realidade?, qual o sentido da existência?, a ética? A fé não pode ser obscurantista. Para que não se cumpra o dito de Diderot e Voltaire: temos uma luz, fraca certamente, mas é a que temos, a luz da razão; vem o teólogo e apaga-a.

**Este livro é o diário de um crente?**

De algum modo. Na medida em que é um dizer a sua própria fé no confronto com a razão, a ciência, os novos saberes, as razões dos ateus, dos agnósticos, das outras religiões. Estamos sempre co-implicados.

**Consegue viver em paz face a todas estas questões que coloca?**

Sim. Tenho a paz que deriva da confiança de base que a fé no Deus de Jesus dá. Por outro lado, a razão e a dúvida não estão adormecidas. Somos seres rácio-emocionais e a fé é um combate. Parece-me que há mais razões para acreditar do que para não acreditar. Pessoalmente, não consigo ver-me como não crente, mas entendo as razões de quem não crê.

Entrevista de **João Céu e Silva**  
In *Diário de Notícias*, 23.11.2016

De: **Deus**  
Para: **Todos os Meus Filhos na Terra**  
Assunto: **Rivalidades entre as várias Religiões**  
Data: **Eternidade**

# uma carta impaciente de Deus



Meus Queridos Filhos (acreditai que é isso mesmo que vós sois para Mim):

Eu considero-me um indivíduo bastante paciente. Pensai só no “Grand Canyon”. Levou milhões de anos a ser o que é. E a evolução? Nada existe mais lento do que planejar a sucessão de todas as etapas da evolução, célula por célula, gene por gene. Fui paciente inclusive com as vossas civilizações, guerras e maquinações, meus filhos, e com os incontáveis rumos onde me deram por garantido mas, sobretudo, nos momentos em que se engalinharam, vezes sem conta, em enormes confusões.

Uma vez que se comemorou o segundo milénio após o nascimento do meu Filho, quero falar-vos dalgumas coisas que começam a enervar-me.

Antes de mais nada, as rivalidades religiosas que existem entre vós, fazem-me subir pelas paredes. Chega! Entendei uma coisa: essas são as vossas religiões; não as minhas. Eu estou além de todas elas. Cada uma dessas religiões professa que só existe um Deus, um único Deus (o que, digamos, é absolutamente verdadeiro). Mas, logo a seguir, cada uma delas garante ser a minha preferida, alegando que a sua bíblia foi escrita pessoalmente por mim e que todas as outras são obra humana. Ai de mim! Como é que poderei pôr fim a tão embaraçoso disparate?

Ouvi! Eu sou Pai e Mãe de todos vós e jamais me passou pela cabeça ter favoritos entre os meus filhos. Além disso, detesto ter de confessar que não escrevo. A minha caligrafia é horrível e, afinal de contas, fui sempre, antes de tudo, um “executor”. Então, todos os vossos livros, inclusive bíblias, foram escritos por homens e mulheres, pessoas inspiradas, sem dúvida, pessoas extraordinárias, mas que, aqui e acolá, também erraram. Eu mesmo cuidei disso, a fim de que vós nunca confieis mais na palavra escrita do que no vosso coração vivo.

Vede bem: para mim, o ser humano, mesmo o mais miserável, vale mais do que todos os livros sagrados do mundo. Eu sou simplesmente assim. O meu Espírito não é um ser histórico; vive aqui mesmo, agora, tão novo como o seu próximo sopro.

Os livros santos e os ritos religiosos são sagrados e poderosos, mas não o são mais do que o último de vós. Eles têm o único propósito de vos guiar na

direção certa e não de suscitar eternas discussões entre vós, nem, com certeza, de fazer com que deixeis de confiar na ligação pessoal que tendes comigo.

E isto leva-me a outro ponto: o da estupidez que é agirdes, como se eu, para me defender ou para “conquistar almas” para mim, precisasse de vós e das vossas religiões. Por favor, não me queirais fazer favores. Eu sou muito capaz de cuidar de mim! Não preciso que me defendais, nem que façais de mim um eterno credor. Quero, apenas, isto: que sejais bons uns para com os outros.

E outra coisa: jamais me preocupo com assuntos de dinheiro ou política. Por isso, deixai de envolver o meu nome nos vossos dramas. Por exemplo, juro por mim mesmo que nunca ameacei Bin Laden. Nunca andei em nenhum dos Rolls Royces da Rainha da Inglaterra. Nunca disse à senhora Hilary Clinton para se candidatar a presidente. E jamais tive qualquer conversa com George Bush, Tony Blair ou Sadam Hussein! É claro, no dia do *Juízo Final*, pretendo fazê-lo com cada um deles.

A questão é esta: quero que deixeis de conceber a religião como sinal de lealdade para comigo. O verdadeiro objetivo das várias religiões é que me possais conhecer melhor, e não vice-versa. Acreditai em mim: Já vos conheço. Sei o que se passa em cada um dos vossos corações e amo-vos sem reservas. Alegrai-vos e desfrutai de mim. É principalmente para isso que a religião serve.

Pareceis esquecer o quão misterioso eu sou. Olhais para as poucas e insignificantes diferenças existentes nas vossas escrituras e dizeis: “Bem, se isto é a verdade, aquilo não o pode ser!” Mas, em vez de tentardes entender os meus paradoxos e a minha insondável natureza, – coisa que, aliás, jamais conseguireis – porque não abris os vossos corações àquilo que atravessa e é comum a todas as religiões? Vós sabeis do que falo: amai-vos e respeitai-vos uns aos outros. Sede amáveis. Mesmo que a vida se apresente assustadora ou confusa, tende coragem e procurai manter o bom humor, porque eu estou sempre convosco. Aprendei a ficar calmos, para que possais escutar o meu silêncio, a minha voz baixa (eu não gosto de gritar). Fazei do mundo um lugar melhor, vivendo a vida com dignidade e galhardia, porque vós sois meus filhos. Não retenhais nada da vida, porque a parte de vós que é mortal, há-de morrer certamente, e a que não o é, não morrerá. Por isso, não vos preocupeis! Sede felizes! É simples. Porque é que teimais em complicar tudo? Parece que andais sempre à procura de um pretexto para vos atacardes uns aos outros. E eu estou verdadeiramente cansado de servir de justificação principal para tudo isso.

Achais, porventura, que eu me importo, se me chamais IAVÉ, Jeová, Alá, Brama, Pai, Mãe ou até O Vazio ou Nirvana? Achais que me preocupo se vos

sentis mais unidos a um dos meus filhos especiais: Jesus, Maria, Buda, Krishna, Maomé ou a qualquer outro? Podeis nomear-me a mim e aos meus amigos especiais com os nomes que quiserdes, desde que cumprais a minha vontade: a de vos amardes uns aos outros, como eu vos amo. Porque é que não vos preocupais somente com esta recomendação tão simples?

Não vos digo que abandoneis as vossas religiões. Estimai-as, honrai-as e aprendei com elas, tal como estimais, honrais e aprendeis com os vossos pais. Mas, por acaso andais por aí a dizer a todo a gente que os vossos pais são melhores do que os dos outros?! A religião de cada um, tal como os vossos pais, pode ocupar sempre o melhor lugar nos vossos corações. Isso não me preocupa. No entanto, não é meu desejo que junteis todas as grandes tradições numa única e monumental miscelânea. Cada religião é única por alguma razão. Cada uma tem um estilo único, para que as pessoas possam achar nela o seu melhor caminho. Mas os meus filhos especiais – que as vossas religiões seguem por todo o lado - todos eles vivem no mesmo lugar (o meu coração) e entendem-se perfeitamente bem, posso garantir-vos. O clero tem de deixar de criar um mito de rivalidade fraterna onde ela não deve existir.

Meus abençoados Filhos da Terra, o mundo ficou demasiado pequeno para a vossa subtil intolerância e confusão religiosa. Todo o planeta está interligado por viagens aéreas, satélites, telefones, faxes, concertos de rock, doenças, necessidades e preocupações mútuas. Continua a girar segundo está programado! Se, realmente, me quereis ajudar a celebrar a passagem do segundo milénio após o nascimento do Meu Filho Jesus, então comprometei-vos em projetos como o de alimentar os famintos, vestir os nus, proteger os que são explorados e dar abrigo aos pobres. E é igualmente importante que façais das vossas vidas de cada dia um claro exemplo de bondade e bom humor. Eu vos darei todos os recursos indispensáveis, caso abandoneis os vossos medos recíprocos para começar a viver, a amar e a rir juntos.

Finalmente, Meus Filhos de todos os lugares da Terra, lembrai-vos d'Aquele cujo nascimento celebrais no próximo dia 25 de Dezembro. Recordai-vos da coragem com que ele escolheu viver e morrer. Tal como o amo a ele, assim vos amo a cada um de vós. Eu não estou verdadeiramente aborrecido convosco; queria simplesmente chamar-vos a atenção, porque detesto ver-vos sofrer. Mas dei-vos uma vontade livre. Então que outra coisa posso fazer, agora, senão procurar influenciar-vos por meio da razão e da persuasão? Quero simplesmente que sejais felizes e eu manter-me-ei escondido. Mas – juro-o - estou realmente sempre convosco. Sempre! Confiai em mim!

O vosso Uno e Único,

**DEUS** [EU SOU AQUELE QUE SOU], Ex 3, 14.

(Extraído de *Cross Reference*, Austrália, Dez. 2005)



## DO CINISMO INTERNACIONAL

**T**alvez o cinismo e a hipocrisia sejam elementos tão antigos nas relações entre os povos que o tempo foi cristalizando com novas e tão peritas práticas que tudo isso nos parece hoje inseparável da política. Basta olhar e ver a cena internacional, os labirintos dos conflitos, as catástrofes humanitárias ou de dimensão genocida que as guerras (sim, as guerras!) modernas comportam para termos esses sobressaltos que não são outra coisa senão a consciência a doer. Basta olhar a Síria ou passar os olhos por outros conflitos ditos regionais, parar um pouco e fixar o pensamento nas imagens que nos chegam do cemitério largo do Mediterrâneo, na aventura dos condenados da Terra que são a mistura dramática da condição de emigrados e refugiados.

Volto ao princípio, ao cinismo e à hipocrisia dos grandes senhores do mundo, às suas desculpas esfarrapadas, à sua obstinação em reproduzir a gênese do mal à escala planetária, e retiro a ironia de há tempos de **El Roto**, grande humorista, que diariamente publica os traços da sua inquietação no "**El Pais**", numa implacável leitura de como vai o mundo. Vejam!

**Fernando Paulouro Neves.** Jornalista.

<http://www.fernandopaulouro.com/2017/01/do-cinismo-internacional.html?sref=fb> (05.01.2017)